

— Vejo um anel, disse Bernard, suspenso por cima de mim. Tremula e balança num laço de luz.

— Vejo uma faixa de amarelo pálido, disse Susan, alongando-se ao encontro de um risco violeta.

— Ouço um ruído, disse Rhoda. Chip... Chap... Chip... Chap... sobe e em seguida volta a descer.

— Vejo um globo, disse Neville. Suspenso como uma pequena gota de água dos imensos flancos de uma colina.

— Vejo uma borla vermelha entrelaçada com fios de ouro, disse Jinny.

— Ouço qualquer coisa a bater, disse Louis. A pata de um grande animal acorrentado. A bater no chão, a bater no chão...

— Olhem a teia de aranha no canto da varanda, disse Bernard. Há nela gotas de água suspensas, brancas pérolas de luz.

— As folhas encostam-se à janela como orelhas pontiagudas, disse Susan.

— O braço dobrado de uma sombra cai sobre a vereda, murmurou Louis.

— Ilhotas de luz navegam entre os ramos e flutuam sobre a relva disse Rhoda.

— Os olhos dos pássaros brilham no fundo das grutas abertas na folhagem, disse Neville.

— Os caules estão cobertos de uma penugem áspera, onde há gotas de água suspensas, disse Jinny.

— Uma lagarta enrolada parece um anel verde em que as patas são entalhes, disse Susan.

— O caracol arrasta a casca cinzenta ao longo do carreiro, pisando as ervas à sua passagem, disse Rhoda.

— Os reflexos do sol que se desprendem dos vidros dançam na relva, disse Louis.

— Sob os meus pés sinto as pedras frias, disse Neville. Sinto cada uma delas, angulosa ou redonda.

— Tenho as costas da mão a arder, disse Jinny. Mas a palma da mão está húmida, molhada pelo orvalho.

— O galo está a cantar, disse Bernard. Canta como um jorro de água vermelha e dura contra a brancura da manhã.

— Os pássaros voam à nossa volta, cada um com o seu canto, disse Susan.

— O animal continua a bater com a pata; o elefante acorrentado; a fera continua a desferir enormes patadas na praia, disse Louis.

— Olhem, disse Jinny. Há persianas brancas em todas as janelas da casa.

— A água fria da torneira começou a cair sobre o peixe no alguardar da cozinha, disse Rhoda.

— As paredes estão revestidas de ouro e a sombra das folhas põe dedadas azuis perto das janelas

— Agora Mrs. Constable começou a puxar para cima as suas grossas meias pretas, disse Susan.

— Quando o fumo se ergue, o sono eleva-se do telhado como uma ténue neblina, disse Louis.

— Primeiro, os pássaros cantaram em coro, disse Rhoda. Depois alguém abriu a porta da despensa. Os pássaros voaram, dispersos como um punhado de sementes lançado ao vento. Mas há um que ficou a cantar sozinho na janela do quarto.

— Bolhas formam-se no fundo da panela, disse Jinny. Depois sobem cada vez mais depressa, numa cadeia de prata.

— Biddy arranca as escamas dos peixes com uma faca dentada, em cima da tábua de cozinha, disse Neville.

— A janela da sala de jantar ficou azul-escura, disse Bernard, e o ar ondula por cima da chaminé.

— Há uma andorinha poisada no fio da eletricidade, disse Susan. Biddy lançou o balde de água nos ladrilhos da cozinha.

— Ouçam a primeira badalada do sino da igreja, disse Louis. — Depois, as outras: um, dois; um, dois.

— Olhem a toalha toda branca a esvoaçar sobre a mesa, disse Rhoda. Em cima da toalha, em cada lugar, há um círculo branco de louça, e ao lado riscos de prata.

— Uma abelha zumbe perto do meu ouvido, disse Neville. Está aqui; já passou.

— Ardo e tremo, disse Jinny, quando saio do sol para me abrigar à sombra.

— Agora já se foram todos embora, disse Louis. Estou completamente só. Foram para dentro de casa, tomar o pequeno-almoço e eu fiquei parado, junto ao muro, no meio das flores. É muito cedo, não são ainda horas de ir para as aulas. Cada flor é uma mancha clara na profundidade verde. As pétalas são arlequins. Os caules erguem-se das cavidades negras. As flores nadam como peixes luminosos em sombrias águas verdes. Tenho na mão o caule de uma planta. Eu sou esse caule. As minhas raízes mergulham na profundidade do mundo, através da argila seca e da terra húmida, atravessando veios de prata e chumbo. O meu corpo é uma fibra vegetal. Todos os tremores se repercutem em mim, e sinto nas minhas costas o peso da terra. Lá em cima, os meus olhos são verdes folhas cegas. Sou uma criança vestindo calções de flanela e com o cinto apertado por uma serpente de bronze. Lá em baixo, os meus olhos são os olhos sem pálpebras de uma estátua de pedras num deserto do Nilo. Vejo mulheres que passam, transportando cântaros vermelhos, em direção ao rio; vejo o passo oscilante dos camelos e homens com turbantes. Ouço à minha volta os passos, o frémito, a agitação.

Aqui perto de mim, Bernard, Neville, Jinny e Susan (mas Rhoda não) afloram os canteiros com as suas redes. Apanham borboletas nas corolas recurvas das flores. Acariciam a superfície do mundo. Têm as redes cheias de asas palpitantes. Põem-se a gritar: «Louis! Louis! Louis!» Mas não podem ver-me. Estou do outro lado da sebe. Entre as folhas, só há pequenas aberturas para espreitar. Oh, meu Deus, fizeti com que se vão embora! Oh, meu Deus, fizeti com que poísem no chão as borboletas dentro de um lenço! Deixai-os contar as suas borboletas-tartarugas, as suas almirantes vermelhos, as suas borboletas brancas! Deixai-me, porém, permanecer invisível! Sou verde como um teixo à sombra da sebe. O meu cabelo é feito de folhas. As minhas raízes estão no centro da terra. O meu corpo é um caule. Aperto o caule. Uma gota sai da minha boca, vagarosa e den-

sa, e cresce sem cessar. Alguma coisa cor-de-rosa passa diante da abertura existente entre as folhas. Alguém desliza o olhar pela fresta. O raio de luz atinge-me. Sou outra vez uma criança vestida de flanela cinzenta. Ela acaba de encontrar-me. Sinto alguma coisa tocar-me na nuca. Ela beijou-me. Tudo se estilhaça.

— Andava a correr depois do pequeno-almoço, disse Jinny. Vi que as folhas se mexiam numa abertura da sebe. Pensei: «É um pássaro no ninho.» Afastei as folhas e olhei; mas não era um pássaro no ninho. As folhas continuavam a mexer-se. Senti-me assustada. Passei a correr por Susan, Rhoda, Neville e Bernard, que estavam a conversar na casa das ferramentas. Pus-me a gritar enquanto corria, mais depressa, cada vez mais depressa. Porque se agitavam as folhas? Porque se agitavam o meu coração, as minhas pernas? E precipitei-me para aqui e vi-te verde como um arbusto, como um ramo, Louis, imóvel, com os olhos fixos. «Estás morto?», pensei e beijei-te, com o coração a saltar por baixo da roupa cor-de-rosa, como as folhas que continuam a mexer-se, mesmo quando nada as agita. Sinto agora o perfume dos gerânios, o cheiro do húmus. Danço. Vibro. Sou lançada sobre ti como uma rede luminosa. E a tremer fico deitada sobre ti.

— Por uma fresta da sebe, vi Jinny beijá-lo, disse Susan. Levantei a cabeça do meu vaso de flores e espreitei pela abertura da sebe. Vi-a beijá-lo. Vi Jinny e Louis beijarem-se. Agora vou embrulhar a minha ansiedade no lenço. Vou dar-lhe um nó e fazer dele uma bola. Quero ir sozinha ao bosque das faias, antes das aulas. Não vou ficar à mesa, sentada, a fazer contas. Não me vou sentar junto da Jinny nem junto de Louis. Vou pegar na minha angústia e deixá-la entre as raízes das faias. Quero observá-la bem, segurá-la nos dedos. Não hão de ser capazes de encontrar-me. Vou alimentar-me de nozes, procurar ovos entre as sarças. O meu cabelo ficará emaranhado e dormirei debaixo dos arbustos, bebendo água das poças, hei de morrer ali.

— Susan passou por nós, disse Bernard. Passou por nós diante da porta da casa das ferramentas com o lenço amarrotado como uma bola. Não estava a chorar, mas os seus olhos, tão lindos, pareciam os de um gato antes de saltar. Vou atrás dela, Neville. Vou segui-la cuidadosamente, para estar junto dela e a consolar quando cheia de raiva pensar: «Estou sozinha.»

Lá vai ela, a atravessar o campo, balouçando o corpo com indiferença, tentando iludir-nos. Depois chega à encosta; pensa que ninguém a vê; larga a correr com os punhos fechados à sua frente. Crava as unhas no lenço amarfanhado. Corre em direção ao bosque de faias, fugindo da claridade. Chega e abre os braços ao entrar na sombra, como se nadasse. Mas está cega depois de tanta luz e cambaleia até às raízes sob as árvores, onde a luz entra e sai num movimento perpétuo. Aqui tudo é inquieto, agitado e lúgubre. A própria luz é indecisa. As raízes desenham esqueletos na terra e há folhas mortas amontoadas aqui e ali. Susan espalhou a ansiedade à volta. Tem o lenço caído entre as raízes das faias, e soluça, sentada, encolhida no lugar onde se deixou cair.

— Eu vi-a beijá-lo, disse Susan. Espreitei por entre as folhas e vi. Vi-a dançar, coberta por uma poeira de diamantes. Eu sou gorda, Bernard, gorda e baixa. Os meus olhos fitam o chão de perto e vejo insetos na erva. O meu entusiasmo transformou-se em pedra quando vi Jinny beijar Louis. Vou alimentar-me de ervas e morrer numa vala, na água castanha onde apodrecem folhas mortas.

— Eu vi-te passar, disse Bernard. Quando passaste pela porta da casa das ferramentas ouvi-te exclamar: «Sou tão infeliz!» e pus de lado a minha faca. Neville e eu estávamos a fazer barcos de madeira. Trago o cabelo despenteado porque, quando Mrs. Constable me disse que precisava de o pentear, vi uma mosca presa na teia e pensei: «Devo libertar a mosca? Ou deixar que a devorem?» É por coisas destas que ando sempre atrasado. Tenho o cabelo todo despenteado e cheio de aparas de madeira. Quando te ouvi chorar, vim atrás de ti, e vi-te quando deitaste ao chão o teu lenço amarrotado, com a cólera e o ódio fechados lá dentro. Mas isso passa depressa. Os nossos corpos estão agora lado a lado. Tu ouves-me respirar. Vês também o besouro que leva uma folha às costas. Ele corre para aqui e para ali e enquanto olhas o besouro o teu desejo de possuir uma única coisa (que é o Louis, agora) é forçado a vacilar como a claridade que vai e vem por entre as folhas das faias. E o obscuro movimento produzido pelas palavras no mais fundo de ti acabará por desatar o nó feito no teu lenço.

— Amo e odeio, disse Susan. Há uma só coisa que desejo. Tenho os olhos endurecidos. Os olhos de Jinny, esses estilhaçam-se em cintilações sem fim. Os olhos de Rhoda são como as pálidas flores que as mariposas procuram à noite. Os teus estão cheios a transbor-